



# JORNAL DA SBEE

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Nº 1

CURITIBA - PR

DEZ - 1985

CR\$ 2.000

ANO I

## DO PODER CONSTITUINTE

Poder Constituinte, poder de constituir, poder de fazer Constituição.

A Apreciação criteriosa do tema nos faz remontar ao Século XVIII, quando o Abade Emmanuel Joseph Sieyès (1748/1836), escrevendo o opúsculo "O que é O terceiro estado?", tornou-se o primeiro teórico do poder constituinte.

Manifesto da Revolução Francesa, esse opúsculo estabelecia o poder constituinte seu anterior à Constituição, cujo titular seria a Nação, aqui entendida como "a expressão dos interesses permanentes de uma comunidade" (Ferreira Filho, Manuel Gonçalves – Direito constitucional comparado. São Paulo, José Bushatsky Editor, Editora da USP, 1974. p,14).

Hoje, nas democracias ocidentais, detém o poder constituinte – isto é, o poder de fazer as regras fundamentais de uma sociedade –, o titular. Da soberania, O dono do poder supremo dentro de um Estado: o povo (ob. cit. PP. 35/36).

A acepção da palavra *povo*, nesse contexto, traduz o conjunto de cidadãos, ou seja, aqueles a quem se reconhecem direitos políticos, aqueles que podem votar e ser votados.

No Brasil, com a extensão de parte dos direitos políticos ao analfabeto, que agora pode votar, cresce em importância a problemática da Constituinte: é uma parcela maior da população brasileira que pode exercer o direito de constituir.

E como se exercita o poder constituinte, até a criação de uma Constituição?

Historicamente, e na melhor doutrina, os cidadãos elegem pessoas do povo – ante a impossibilidade material de, diretamente, externarem sua vontade – representando as classes sociais, categorias profissionais, interesses diversos, enfim, fazendo dessas pessoas constituintes, aqueles que farão a Constituição.

Esses constituintes reúnem-se em Assembléia – Assembléia Nacional Constituinte –, deliberam acerca dos interesses que representam, compõem situações, estabelecem um pacto: surge a Constituição, contendo os princípios fundamentais que regem a vida social.



Feito esse trabalho, retornam à condição de cidadãos comuns, dissolve-se a Assembléia Nacional Constituinte. Parte-se, agora, para as eleições dos representantes do povo Junto ao Poder Público, conforme o pacto avençado.

Resumindo, o Poder Público vai se relacionar com os cidadãos, e estes entre si, de acordo com os parâmetros por eles próprios estabelecidos.

Em que pese à tradição brasileira, a idéia de fazer do Congresso Nacional uma Assembléia Nacional Constituinte carece de legitimidade. Eleger parlamentares – sempre comprometidos com grupos econômicos e, sobretudo, com o carreirismo político –, para que façam uma Constituição, à qual passarão a obedecer, é permitir que esses políticos-partidários "legislem em causa própria", como já o disseram juristas, jornalistas e especialistas da área.

Será que esses parlamentares fariam restrições Constitucionais a sua própria atividade?

Teria o Poder Legislativo a magnitude de saber delimitar, com

harmonia e independência, o campo de atuação dos outros Poderes?

O argumento de se evocar a tradição brasileira de Congressos Constituintes não procede, pois esta sempre demonstrou que todos os movimentos constituintes não procede, pois esta sempre demonstrou que todos os movimentos constituintes, desde o Império, foram vetorizados por comissões impostas em uma vertical descendente, que fizeram homologar uma situação dissociada de uma realidade de justiça social.

Nem se diga, também, que uma Assembléia Nacional Constituinte, ou mesmo um plebiscito, onerariam o país. De qualquer forma, é o povo brasileiro mesmo que está pagando e, convenhamos, em favor do seu mais legítimo direito.

Que essa Assembléia Nacional constituinte seja formada por pessoas comprometidas com grupos econômicos, é inevitável, mas que seja formada também por pessoas preocupadas com as grandes questões nacionais, ligadas ao bem-estar social: o desemprego, analfabetismo, a fome, a justiça, etc.

**ENTREVISTA  
COM O IRMÃO  
LEOCADIO JOSÉ  
CORREA.  
Pág. : 06 e 07**

Em entrevista ao Jornal da SBEE, o Irmão Leocádio dá o seu ponto de vista acerca de algumas indagações doutrinárias.

**Esperanto e o  
Futuro**

O que é Esperanto e qual a sua pretensão para o Futuro. Uma alternativa?  
**Pag.: 09**

*O JORNAL DA SBEE é força do trabalho de pesquisa, pura e aplicada, desenvolvida ao longo de anos, tendo em vista explicar racionalmente a fenomenologia espírita, a dimensão religiosa e o potencial construtivo da filosofia.*

*É um abrir de novas veredas, tentando, despretenciosamente, chamar a atenção dos interessados sobre novos dados, conceitos e fundamentos do pensamento espírita da atualidade.*

*Entendemos que o fato espírita é processual, dando-nos a certeza de que os estudos espíritas devem se renovar continuamente.*

*O Espiritismo jornalístico tem que crescer em nosso país e no mundo, acompanhando a evolução científica, tecnológica e cultural. Deve se organizar para alcançar, através da atividade específica da comunicação, o público, naquilo que o Espiritismo acredita, ensina, doutrina e quer que aconteça.*

*O nosso jornal pretende, sem polêmicas e dentro de uma*

*metodologia científica e jornalística, apresentar ao público o pensamento espírita contemporâneo.*

*Novos horizontes se abrem. E a afirmação da fé na imortalidade do Espírito.*

*Os conceitos doutrinários kardecistas nos permitem analisar, formar juízo de valor sobre as grandes transformações modernas, os largos passos da Ciência e da Tecnologia, a quebra dos dogmas, a busca contínua da liberdade a consciência crítica do homem frente à problemática social da Terra, e aumento da massa crítica da humanidade, dando-nos a certeza de que o materialismo não triunfará sobre a vida, tampouco o homem deixará de pensar que o conceito do amanhã é sumamente importante para a felicidade de hoje.*

*Deus da Vida. Cristo é renovação conceitual, é Amor, a força que transforma a guerra em paz.*

*Nosso jornal é a afirmação de que acreditamos no potencial do homem porque cremos no Espírito.*

## O DIREITO DE NÃO TER MEDO

A vida em sociedade está organizada por normas escrita ou não, impostas pelo Estado ou pelo costume popular, coercitivas, que possibilitam a convivência dos interesses representativos de todos os segmentos sociais, onde cada indivíduo tem sua área de atuação delimitada.

Em um sentido muito amplo, chamamos direito ao conjunto dessas normas.

Como condição fundamental da existência humana, todos os povos, em todas as épocas, cuidaram de criar, modificar, normatizar os comportamentos que, em função de sua importância para determinada coletividade, deveriam ser observados por todos os seus integrantes.

O estabelecimento de tais comportamentos é balizado por certos valores ligados ao ser humano – liberdade, dignidade, segurança –, isto é, o homem, pelo fato de ser homem, é sujeito de direitos que lhe são imanentes, inarredáveis, inatacáveis.

Deixando de lado a celeuma existente em torno das teorias sobre esses direitos do homem – seriam eles anteriores ou posteriores ao Estado? Se é o Estado o único ente que pode regular, coercitivamente, o comportamento humano, antes do seu surgimento haveria para o homem direitos virtuais, ou expectativas de direito? etc. – queremos dizer que, no nosso entendimento, é correto colocar o direito dentro de princípios protetores do ser humano.

Uma síntese desses princípios aparece escrita, pela primeira vez, com o movimento constitucionalista do final do século XVI-II. Em 1789, na França surgia uma carta de princípios – A De-

claração dos Direitos do Homem –, cujo conteúdo foi mais tarde revisto e ampliado pela ONU, e se tornou o grande balizador, o grande ideal, dos povos democráticos: A Declaração Universal dos Direitos do Homem.

“Art. I – Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. (...)”

O direito não pode, jamais, ferir o princípio da liberdade humana. Devemos viver organizadamente em sociedade para, através da cooperação, somarmos esforços e propiciarmos a cada pessoa o atingimento do seu bem estar, a realização plena da sua personalidade. Para isso é imprescindível que a pessoa tenha liberdade de se conhecer, saber o que quer na direção dos seus objetivos.

Essa liberdade, evidentemente, há que ser exercida dentro daquela esfera de ação destinada a cada pessoa, ou seja, “sua liberdade vai até onde começa a do outro”.

Neste momento, penetramos no campo dos regimes políticos e sistemas econômicos e, imediatamente, deparamo-nos com dois extremos – Capitalismo e Comunismo – que, como uma ferradura, aproximam-se obscurecendo, de maneira similar, a dimensão de liberdade, um pela força do Estado totalitário, outro pela ditadura do capital. A alternativa ainda está por ser perseguida e construída, mas, sem dúvida, dentro de uma ordem espiritual, onde matéria e espírito sejam colocados cada um na sua verdadeira dimensão.

Retomando o assunto, tolher a liberdade de escolha é despersonalizar a pessoa, é robotizá-la, é impedi-la de criar, portanto é matá-la.

O homem livre, que se conhece livremente, consegue fazer para o seu se-

melhante aquilo que faria para si próprio. Atinge, então, nas interações humanas, o patamar da moralidade. Percebeu o autêntico valor do ser humano, percebeu a dimensão do respeito de que é credor, percebeu-lhe a dignidade.

“Todos os homens nascem livres e igual em dignidade e direitos:

Somos homens, haveremos de ter dignidade.

Esse princípio de dignidade é afrontado sempre que a corrupção existir na administração pública; é vilipendiado sempre que rotulamos as pessoas pelo seu aspecto físico, depreciando-as; somos indignificados sempre que nos subtraem a possibilidade de nos educarmos, de nos vestirmos, de nos alimentarmos.

O sistema jurídico que, por qualquer forma, indignificar o homem, é imoral e não pode subsistir.

Nesse momento a corrupção pública, o descuido com a coisa pública, com a “res” pública, é o que há de mais indignificante. Está-se delineando um novo perfil: o da periculosidade do homem público. Quando o homem público, funcionário, empregado do povo, começa a gerir o patrimônio alheio como se fosse seu, não em termos de zelo, mas de abuso, subverteu-se o princípio da dignidade humana.

Quer nos parecer que o sistema jurídico deve, antes de tudo, conferir às pessoas a possibilidade de transitarem naquela extensão, naquela esfera de ação, absolutamente sem medo.

Viver sem ter medo é o direito maior.

Como realizar nossa personalidade se tememos o diálogo com nós mesmos, com

os nossos compatriotas, com os nossos dirigentes?

Viver sem ter medo é confiar no cumprimento do pacto social; é confiar no fato de que a lei, válida, eficaz e moral é cumprida por todos.

Mas, como viver sem ter medo, em uma época onde o senso comum do “sempre foi assim” justifica o descumprimento da lei?

É preciso que o Espiritismo lute pela preservação integral dos princípios ligados aos direitos humanos. A forma de Estado, a forma de governo, jamais poderá se sobrepor aos princípios da liberdade e da dignidade humana.

Nós, cidadãos brasileiros, precisamos alimentar e realimentar a mentalidade do viver sem temer a mentalidade que repudia e excepciona todo e qualquer descumprimento à ordem jurídica legítima.

*Joel Samways Neto  
advogado*

### Diretora Responsável

Ieda Matias

### Redatora-chefe

Shirley Samways

### Proprietária

Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas

### Gráfica

Nice – R. Cruz Machado, 318  
S. José dos Pinhais

– Cartas à redação do Jornal da SBEE, endereço: Rua 29 de junho, nº 504 - CEP 82500 - Curitiba - PARANÁ.

“ Este jornal não se responsabiliza pelas matérias assinadas nele publicadas”.

# Constituinte exclusiva ou congressual?

*“Todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido”*

*(Artº 1º, da Constituição Federal).*

Para quem se der ao trabalho de folhear a Constituição vigente, logo deparará, no primeiro piscar de olhos, com o excerto acima exposto.

Paradoxalmente, surge como termo de abertura da Carta decretada sob os auspícios do regime de exceção e emendada, em outubro de 1969, pela Junta Militar que determinou o “recesso parlamentar”, avocando para si o poder de legislar sobre todas as matérias. Neste contexto, tal enunciado não foi além da aparência que buscava legitimidade para o arbítrio. Constituiu-se, portanto em letra morta, inócuo.

Contudo, depreendido acima das circunstâncias históricas, assenta-se coma alicerce inquestionável de qualquer regime verdadeiramente democrático.

Há uma grande distância que ainda nos separa do esta-

do de direito. Todavia, os tempos mudaram, muito mais pelas pressões populares que, num mesmo compasso, clamaram pela volta à democracia, do que propriamente pela vontade dos detentores do poder.

E a classe política, sensível a estas tendências, passou a perseguir o caminho das mudanças, embora o desfecho não tenha sido ainda o desejado. O Deputado Flávio Bierrembach, relator da comissão que examinou a emenda governamental, apresentou substitutivo transferindo ao povo, através de plebiscito, a escolha da forma de convocação da Assembléia Constituinte: Congressual ou Exclusiva. Imediatamente passou a sofrer toda a sorte de pressões. Inclusive sendo tratado de desleal pelos seus colegas. Mas, perguntamos, desleal a quem? À sociedade ou aos interesses escusos?

Por que divorciar-se da sociedade civil e virar-lhe as costas? Que ímpeto inconfessável movem-lhes as intenções, a ponto de negar a participação de todos os segmentos na elaboração da nova Carta Magna?

De maneira alguma queremos deslustrar o Poder Legislativo ou negar-lhe sua fundamental importância. O Congresso Nacional é instituição imprescindível à democracia. Baseado nos princípios desta, representa a Nação. Merece, portanto, todo o nosso respaldo. Conspurar-lhe, pois, as funções, somente interessaria aos partidários do retrocesso político. Mas, a deferência deve ser recíproca representar as forças sociais vivas, por um lado, não significa substituí-las, sobretudo quando seus desígnios estão, manifestamente, sendo contrariados. Por outro, assumir simultanea-

mente as funções legislativas ordinária e constituinte, não seria produtora, tampouco desejável para o País e, sem dúvida, uma das ocupações seria seriamente prejudicada. Ambas são importantes e requerem tempo integral. A Constituinte de 1823, a de 1891, a de 1934, e a de 1946, convocadas de maneira semelhante, demonstrou isso claramente.

Finalmente, todo o poder deve emanar do povo e em seu nome ser exercido. Sem uma efetiva consulta aos anseios populares e a plena participação de todos, mais uma vez tal preceito constitucional se reafirmará como letra morta.

A verdadeira democracia não teme o poder popular, pois este é o seu alimento e a sua sustentação.

*Rui Simon Paz é sociólogo*

## POEMA DE NATAL

A Eternidade falando, através do silêncio:

“Sou a serenidade,

falei, cantei e canto os hinos da eternidade.

Sou a verdade,

como a verdade é a mãe da vida.

Sou o conforto no sofrimento,

a esperança na dor,

a força, quando tudo parece perdido.

Sou aquela fonte de compaixão,

pois sou a indulgência, a fraternidade

e o perdão.

Sou a bondade, a caridade.

Sou o pensamento revolucionário

porque sou, no silêncio do teu ser,

a inteligência que clama por DEUS, o PODER.

Sou o rochedo;

tenho sido pedra, monumento.

Sou forte, sou o vento, a tempestade,

a chuva, o céu e a terra.

Sou um punhado de areia;

Sou um grão, sou o começo, a determinação.

Sou uma fatia de pão.

Sou o coração, sou a carne, o espírito, o movimento.

Sou a árvore, o fruto, a semente;

a Luz na escuridão.

Talvez não saibas que sou a vida de tua vida,

a alma de tua alma,

o caminhar de teu caminhar,

a evolução de tua evolução.

Sou TEU PAI,

DEUS, A CRIAÇÃO.”

*O abraço amigo de*

Leocádio José Correa

*Mensagem psicografada pelo médium  
Maury Rodrigues da Cruz, na SBEE,  
em 06.12.85.*

## Livro

No dia 31 de maio deste ano, foi lançada mais uma obra ligada ao projeto de trabalho da SBEE: ESPIRITISMO E EXERCÍCIO MEDIÚNICO.

Esse opúsculo foi ditado por Marina Fidélis – Espírito integrante da equipe de orientadores da SBEE –, e psicografada pelo médium Maury Rodrigues da Cruz. No entendimento da Irmã Marina, o centro espírita “deve estar instrumentalizado para sensibilizar o médium a fazer reflexões sobre todas as questões que envolvem a evolução da vida, ensinando-o a fazer opções, a usar o conhecimento em todas as situações, assumindo a responsabilidade pelo que pensa, pelo que quer, pelo que faz”. E o exercício mediúcnico é o grande instrumento de que dispõe o centro espírita para veicular a mensagem doutrinária; o exercício mediúcnico “através da teoria e da prática, deve redimensionar a visão crítica do exercitando sobre a vida, a evolução e todos os comportamentos humanos.”

oda a problemática que envolve o tema – metodologia, técnicas, extensão, o currículo mediúcnico, a avaliação, etc. –



é tratada pela Irmã Marina, que descreve firmes diretrizes para a compreensão realização de exercício mediúcnico, em bases conceituais inovadoras.

O livro se encontra à venda na Livraria da SBEE.

Pedidos de remessas para outras localidades podem ser feitos à Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas – JORNAL DA SBEE, Rua T oda a problemática que envolve o tema – metodologia, técnicas, extensão, o currículo mediúcnico, a avaliação, etc. – enviado(s) pelo sistema de reembolso postal.

# REPENSANDO A UNIVERSIDADE



*Maury Rodrigues da Cruz*

A Universidade quando orientada por uma política pedagógica da cultura, é dialética; seus currículos estão fundamentados num processo educativo vivo, real, que orienta o uso da liberdade, não constrange, cria opções, dignifica a pessoa.

A Universidade quando operacionaliza currículo, concebe liberdade com responsabilidade, num processo que resguarda, protege e colabora com a coletividade, desenvolve o senso crítico, procura a verdade, cria uma política pedagógica crítica, afirma por todos os meios a grandeza da pessoa humana.

Estamos convencidos de que o destino das Nações depende da maneira do conceito com que a política de governo trata, orienta o sistema nacional de ensino.

Nós, brasileiros, professores universitários, devemos tomar consciência de que na Universidade não é suficiente fazer tudo que sempre fizemos. O novo é emergente, predisponente, portanto deve ser o vetor que cria a responsabilidade para com o futuro.

A Universidade não pode simplesmente entreter-se com o prestígio do passado. Como professor universitário entendemos que a Universidade é o laboratório de mudanças da mentalidade da Nação. Escola não é prédio, é mentalidade.

A invenção, a descoberta, a inovação, devem fazer parte do dia-a-dia dos currículos da nossa Universidade, pois são forças que conduzem o processo educativo, que é político, a

se renovar continuamente.

A criatividade precisa ser trabalhada, conceituada, operacionalizada pela nossa Universidade se quisermos fortalecer a liberdade do povo, a dignidade da criação, não permitindo a confusão entre o ato de criar e de produzir.

O Professor universitário, conscientizado, sabe que um povo só poderá ser criativo quando tem domínio de conhecimento e adequado treinamento técnico – fatores fundamentais, essenciais, portanto básicos do produto cultural.

A Universidade, através dos seus segmentos acadêmicos, tem que confiar no futuro. O futuro não acontece a uma Nação; são os indivíduos, através das unidades funcionais, que o compõem.

As atividades técnicas e científicas devem estar acompanhadas da artística, da filosófica, das contradições humanas, da perspectiva e da consciência crítica do homem em procurar ser livre, solidário e responsável pelo destino do mundo.

A Universidade deve crescer harmonicamente com a sociedade, dentro da característica de excelência que envolve o conhecimento, a transmissão e a aplicação no seu mais amplo contexto social.

A Universidade, através de um sistema de educação embasado em princípios filosóficos, não poderá deixar de viver o bem-estar, a felicidade, a dignificação da pessoa humana, a preservação da humanidade pelo conhecimento.

O ensino, a pesquisa pura e aplicada, não podem descambar para o pedantismo irresponsável que cria verdadeiros dogmas e pseudos donos do saber. O saber é Universal. A Universidade é a agência que qualifica, especializa e conscientiza o indivíduo para as funções sociais através do processo interativo-educativo.

A Universidade, como guardiã do conhecimento, laboratório do novo, deve ser aberta, livre de preconceitos, consciente da responsabilidade de que todos os dias deve repensar, através de um sistema de idéias acadêmico, o sistema social do mundo.

Universidade é mentalidade que, através dos agentes operadores do saber, procura manter o equilíbrio psicossocial do indivíduo e

da sociedade.

O professor universitário, agente da massa crítica intelectualizada da Nação, deve lutar por uma política pedagógica da cultura, onde o espaço pedagógico não seja o prédio, mas a Nação.

Educar significa agenciar a vida, portanto o processo não permite repressão.

A política pedagógica crítica permitirá viver escolas abertas, integradas à comunidade, onde o espaço, a arrumação material, instrumental não permite reduzir o aluno à passividade, ao saber imposto, “engolido” pelos alunos, “Materializados”, nos exames, pelos discentes.

O ensino universitário deve ser integralmente processado, objetivando, ativado para atender a demanda evolutiva, vivida no contexto contemporâneo.

A crítica pedagógica é tão necessária para a Universidade como a liberdade do ensino; ambas dignificam, qualificam e sustentam o docente e o discente na busca da verdade.

O professor universitário deve saber que quando o conhecimento, a transmissão e a aplicação não estão integrados por um processo educativo político, dá origem a indivíduos revoltados, angustiados, portanto despreparados para o desempenho de funções especialistas na ordem social.

A Universidade só alcança o foro de Casa da Verdade quando, associada à comunidade, concebe a educação fundamentada em princípios filosóficos, orientada por um política pedagógica da cultura. A Universidade tem o dever de sensibilizar, ensinar a mocidade a viver a realidade emergente da Nação.

Entendemos que a Universidade é processo contínuo da pessoa humana, é renovação pelo conhecimento.

Curitiba, 25 de outubro de 1985.

**MAURY RODRIGUES DA CRUZ.**  
*Professor na Universidade Federal do Paraná e na Faculdade de Direito de Curitiba.*

# A CRIANÇA

Esse ser autêntico, sincero e livre, esse monumento fantástico e exemplificador de atitudes não moldadas por sistemas prontos, esse vulto rápido e ágil, alegre e cantante, melodioso no gesto e forte no grito, teve seu ano neste que finda. No entanto, seu exemplo, que já fomos, é de todos os tempos muito embora o homem descuide-se de assimilar sua lição de amor sempre pronta. Lição de amor gigante para brindar em tão curto tempo.

O ano correu célere e não se verificou o mais significativo:

“ESSE MESTRE DE VIDA NÃO FOI OUVIDO”.

Ele em nós adormeceu mas não calou e seu ano nos festeja;

despertemos o otimismo e a fé, a crença infinita e, sem censuras, comemoemos por todos os tempos o seu ano universal, reavivando a criança que a dor, o pessimismo, o cansaço, o susto, a dúvida, o remorso e tantos males sufocaram em nós.

Eduquemos para a liberdade, educando-nos na retomada da criança, potencial de vida que sabemos em nós, ainda inquieta e disposta a cumprir o compromisso fraterno de amar sem receios.

**CLÓVIS JUNQUEIRA D'ANSÃO**

Psicografado pelo médium  
Enio J.C. de Carvalho  
em 26.11.79

# Excepcional: Exceção Social?

Suely Kintop Chechelsky

A educação da pessoa portadora de excepcionalidade carece maior apoio da comunidade, dos familiares e do governo.

Temos certeza da existência de pessoas que não sabem o que é educação especial.

No máximo, ao serem argüidas responderão que é alfabetizar, ensinar o deficiente a ler e a escrever.

Não é só isso; educação especial não é só um ensino especial.

Educação especial contempla toda sorte de situações que envolvem um ser humano normal, no seu dia-a-dia, desde o acordar até o deitar.

Assim como as famílias educam seus filhos, crianças normais, através de seus hábitos e costumes, a educação especial educa o excepcional dando-lhe oportunidades, criando-lhe oportunidades, descobrindo e inventando métodos e técnicas para atingi-la, pois a metodologia utilizada não poder ser estática.

O que serve para a maioria pode não atingir alguns casos particulares. E mesmo que seja um só, temos de atendê-la.

Além de alfabetização temos etapas que devem ser trabalhadas com ênfase.

Quando diagnosticada, a criança portadora de qualquer tipo de deficiência, ou de alto risco de portá-la, deve ser atendida em programas de estimulação precoce – isto na faixa etária de 0 a 3 anos –, Onde será atendido em sessões de 40 minutos à uma hora ao dia, por terapeutas

que a estimularão para o seu desenvolvimento se aproximar o máximo possível do normal. Também ai a participação da família é importante, pois os familiares sempre farão os exercícios com o bebe.

A fase do preparatório de 4 a 6 anos, no pré-escolar, como alguns preferem denominar, também é bastante importante, pois nesse período terá de se recuperar o terreno perdido em virtude da ausência de estímulos anteriores; é nesse período que seus hábitos estão se formando, juntamente com seus conceitos, dai sua curiosidade deve ser aguçada, seus estímulos ambientais e sociais devem ser intensos.

Em seguida vem à fase dos 7 aos 14 anos, da escolarização ou pré-profissionalização, quando o conceito de ser deficiente se forma na maioria das crianças, quando percebem a diferença da escola, dos métodos e tratamento que recebem – isso quando recebem!

Até aqui, apenas preâmbulo para denunciar dolorosa realidade.

A falta de divulgação do que é *educação especial*, dos direitos e garantias que o ser humano excepcional, como cidadão brasileiro, possui. Seus deveres, para serem exigidos, necessitam de um pressuposto: condições de atendimento desse excepcional.

Toda pessoa tem um poten-

cial que pode ser desenvolvido; basta, para isso, sejam-lhe asseguradas às oportunidades a que tem direito. Podemos necessitar de métodos e técnicas diferentes, de instrumentação diferente, para desenvolver tais potencialidades; se não existem, devem ser pesquisados; se existem em outros países, devem ser adquiridos.

Não nos cabe julgar quem é o culpado pela precariedade do atendimento dispensado ao excepcional. O que não podemos permitir é que umas poucas pessoas impeçam todo um contingente de excepcionais de aprender, em função da impossibilidade de se importar métodos, técnicas, instrumentalização, de outros países.

Parece-nos absurdo existir aparelhos para deficientes auditivos, por exemplo, nos EUA e Iugoslávia, de tamanha qualidade, que aproveita o menor resquício auditivo ao deficiente, e não possamos tê-los no Brasil.

O mesmo ocorre com os instrumentos utilizados pelos deficientes visuais: existem bengalas a *laser*, que dão maior segurança ao cego, pois detectam tudo o que está a sua frente; há computadores com imprensa em *Braille*, ou mesmo falante. Há aparelhos criados para deficientes físicos, próteses que lhes dão estética, ou aparelhos que lhes dão maior autonomia. Mas tudo isso é inviável ao deficiente brasileiro, não só pelos altos preços, mas também por uma legislação deficitária.

É uma legislação que não permite a importação daqueles

aparelhos, que não incentiva a pesquisa, não regula o repasse de verbas para que cientistas brasileiros pesquisem e criem para os brasileiros aquilo que é essencial.

Daí surgirem os monopólios de alguns fabricantes de produtos similares, alguns antiquados e sem qualidade, sobretudo de difícil manutenção. E os destinatários dos produtos, mesmo já os tendo pagos, recebem-nos com atrasos de até um ano. Ignoram que o tempo, para o deficiente, pode lhe trazer seqüelas irremovíveis.

Podem imaginar o que é para uma criança que está perdendo, dia a dia, sua capacidade visual, ficar um ano esperando por uma telelupa, ou se for um deficiente auditivo, já perdendo seu resquício de audição, um ano é tempo demais, seu aprendizado perderá muito em qualidade.

Acreditamos que uma campanha maciça de divulgação do problema despertará maior interesse dos que legislam ou governam o País.

A questão é eminentemente política.

A nós, cidadãos brasileiros, cabe a mudança de mentalidade, fazendo com que a problemática do deficiente físico brasileiro assuma a relevância social necessária a sua solução.

Infelizmente, antes de tudo precisamos tornar a questão eleitoreiramente relevante.

**SUELY KINTOP CHECHELSKI**  
é assistente social

## AINDA QUE NADA PERCEBAS

Deus é amor

Caridade é a força divina que dá, sem esperança de nada receber.

A fé em Deus é uma luz interior que ilumina o passado, o presente, o futuro, o céu e a terra...

A esperança é o elemento indispensável para que o homem possa entender que não há distância no Universo que possa separar o espírito da sua origem.

A justiça é a revelação da vida pela vida. É anônima, como anônima é a natureza...

Ainda que nada percebas, é certo que brotam as flores, os pás-

saros cantam, os sinos tocam, as mulheres dão a luz, as crianças sorriem, os velhos mantêm a esperança e o espírito nunca morre.

Ainda que nada percebas, existes, vives, choras, sofres, amas, queres, procuras...

És o filho de Alguém...

**Leocádio José Correa**  
Mensagem psicografada pelo médium  
**Maury Rodrigues da Cruz.**  
Em 11.08.82.

# ENTREVISTA

Leocádio José Correia, em sua última encarnação, nasceu em Paranaguá (PR), no dia 16 de fevereiro de 1848. Sempre muito ativo, além de médico desempenhou várias funções: foi jornalista, deputado provincial, inspetor escolar. Pessoa aberta às novas idéias, viveu intensamente o ideal democrático. Lutando pela abolição da escravidão, valorizou os princípios da liberdade e dignidade humanas.

Desencarnou no dia 20 de maio de 1886. Quatro anos após, passou a manifestar-se espiritualmente no Paraná, principalmente, dedicando-se à Doutrina Espírita, à promoção humana, atividade que desenvolve até os dias de hoje. Ligado ao projeto de trabalho realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, a partir de 1947 começou a manifestar-se, pelo médium Maury Rodrigues da Cruz, trazendo sua contribuição para o bom desempenho da proposta spiritista.

Humilde servidor da causa espírita, o Irmão Leocádio, juntamente com a equipe de Espíritos ligada à S.B.E.E., tem agenciado o social, trabalhando em prol da reconceitualização dos valores morais, à luz do Espiritismo.

No dia 01 deste mês, concedeu entrevista ao Jornal da SBEE, externando seu posicionamento acerca de algumas indagações doutrinárias, através do médium Maury Rodrigues da Cruz

**JS: A Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, baseada em uma nova hermenêutica, isto é, uma nova maneira de interpretar a Doutrina Espírita, apresenta-nos, conseqüentemente, conceitos também novos. Dentre esses conceitos está o do Evangelho Novo. Qual o significado desse conceito, em sua opinião?**

R. Evangelho é sempre novo. Por que é sempre novo? Porque Cristo representa sempre uma renovação. Os evangelistas que passaram pela Terra sempre procuraram, na expressão da vivência dos povos e na relação do imediato ao mediato, traduzir, através de exemplos e também de uma linha dialógica, aquilo que melhor se adaptasse à vida do indivíduo, dentro de si mesmo e dentro da coletividade. O Evangelho lido e não exemplificado, Evangelho exemplificado e não entendido, não é Evangelho. Como a vida, a cada levantar pela manhã, tem uma segmentação nova, tem uma proposta nova, o Evangelho não pode ficar parado no espaço e no tempo. Todas as alterações conceituais, funcionais, operativas, ocasionadas pelo desenvolvimento do pensamento cognitivo do homem – pensamento tecnológico e científico –, têm que ser acompanhadas pela ordem evangélica. O Evangelho, portanto, está sempre adiante porque ele é sempre novo, é sempre uma perspectiva para que o homem se alcance.

**JS: Os Espíritos demonstram sempre uma preocupação muito grande com a problemática ecológica. Relacionam a urgência de uma nova política ecológica com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. O que o senhor entende por qualidade de vida?**

R. Primeiro, nós, Espíritos, temos uma percepção integral da vida. E, para nós, a vida tem aquela dimensão de dormir na pedra, respirar nas plantas, mover-se nos animais e pensar no homem. Esta cadeia processual, esta relação processual de vida, faz com que nós, Espíritos, aconselhemos continuamente, e até com certa pertinência, a cada mensagem que fazemos, que o spiritista, que o homem de um modo

geral, habitante da Terra, deva “pari passu” com o desenvolvimento da tecnologia, da ciência, criar instrumentos adequados para a manutenção da vida em todos os seus níveis: de um pequeno nicho até as grandes colônias. Visamos, neste momento, resguardar a vida. E resguardar a vida é resguardar a qualidade de vida. O ar, a água, o ambiente de um modo geral, o lócus, devem estar absolutamente integrados à evolução do pensamento, à evolução do Espírito. A nossa recomendação é de que, por todos os meios conhecidos, e por todos os meios e conhecer, o homem não perca de vista a perspectiva de que resguardar o ambiente é resguardar-se.

**JS: Irmão Leocádio, a Doutrina Espírita surgiu entre nós homens, com uma grande proposta: Revolução Moral. A idéia contida deste conceito é dinâmica, evolvente, aberta. O que seria abrangido pelo conceito hoje?**

R: Primeiro, que o homem se conheça. Nós precisamos, neste momento, com todos os subsídios da história do homem, conseqüentemente da história da ciência, da história da história, da filosofia, e de toda a linha cognitiva do ser pensante, nós precisamos fazê-la conhecer-se pelo que ele foi pelo que ele é, e pelo que ele será. Nessa relação de revolução moral, a Doutrina dos Espíritos tem uma proposta: quando ele [o homem (n. r.) se conhece, ele conhece o próximo; e quando ele se conhece, ele sabe que, em se conhecendo, tem a possibilidade de sofrer, e não gostar; então, de fazer o outro sofrer, A moral, dentro da Doutrina dos Espíritos, é uma moral viva. Por que é uma moral viva? Porque ela não deve ser simplesmente feita em termos de descrição de moral através de um processo lingüístico ou acadêmico-filosófico, ela deve ser vivida. A Doutrina dos Espíritos tem procurado, ao longo da manifestação dos Espíritos na Terra, desenvolver uma responsabilidade moral do homem frente ao outro homem. A crise, neste ‘momento, é a crise do homem especialista com o homem não especialista. Como todos os homens são um pouco especialistas, eles estão deixando de ser universais, e deixando de ser universais eles têm perdido um pouco da sua qualidade moral; e quando se perde a qualidade moral se perde um pouco da dignidade de vida. A doutrina dos Espíritos quer, neste momento, que o homem seja moral; ser moral significa, antes de mais nada, conhecer-se. Quando nos conhecemos, passamos, evidentemente, a agenciar em ordem maior, onde o homem representa a humanidade e a humanidade representa o homem.

**JS: Mas por que o homem tem tanta resistência em se conhecer, em mudar seu comportamento?**

R: O conhecimento liberta. E como o conhecimento liberta, ele pode aprisionar. Por que ele pode aprisionar? Porque você conhecendo, você sendo liberto, você assume a sua responsabilidade de parar, a responsabilidade de avançar, a responsabilidade de criticar, portanto você, através de toda a sua consciência crítica, você agiliza o mundo em que você vive. E quando você começa a agilizar o mundo em que vive, em nível de consciência, você tem medo de fazer; tem que a Doutrina dos Espíritos tem sido colocada assim: “Eu fiz isso porque um Espírito me perturbou!”, “Eu fiz isso porque sofri a presença de uma entidade!” Precisávamos desmistificar isso. Os espíritas devem assumir a responsabilidade e a paternidade pelo que fazem. Propomos que os espíritas, conhecendo-se mais, assumam sua liberdade, e assumindo sua liberdade assumam integralmente os seus atos. Isso é moral.

**JS: A guerra, irmão Leocádio, é um instrumento necessário à evolução do homem?**

R: Não. Não achamos que a guerra seria necessária. Mas quando o homem começa a se desconhecer, ele tem muito medo dele. E quando ele tem medo de si mesmo, ele fica imoral; ele ficando imoral, gosta de matar. Então, vejam os sete de ensino. Neste momento os sistemas de ensino devem ser absolutamente vetorizados e compostos em uma linha de experiência filosófica. Experiência filosófica é conceitualmente filosófica, e nessa relação filosofia – educação trará para o homem aquilo que o Espírito é: liberto. Quando liberto, sem medo. Quando o homem tem medo, arma-se, porque não quer que o outro homem o conheça. A mesma coisa acontece com as nações, com as comunidades, com os grupos: a partir do momento em que um indivíduo conhece, ele começa a usar do conhecimento para o chamado recurso de poder. E o recurso de poder tem sido nestes séculos, uma estrutura de desgaste de pessoas, de desgaste de identidade; ele não quer que os outros se identifiquem, nem alcancem a sua estrutura, porque isso significaria violar o seu poder. A Doutrina dos espíritos entende que só se alcança uma ordem moral pelo conhecimento, e que as guerras só desaparecerão à medida que a humanidade, como um todo, comece a se identificar. E começando a se identificar, o homem, tendo a sua própria dimensão e a sua própria relação de fazer e não fazer, de dizer e não dizer, de ser e ter, ele começará a existir em um contexto que não é só material, ele começará a fazer uma transferência para esta ordem espiritual. Por isso a Doutrina dos Espíritos ensina, demonstra e agencia a ordem prática, que é o processo encarnatório. A evolução se faz através de vidas sucessivas.

E indivíduos que estiverem pelo processo encarnatório, ligados a outros indivíduos, reencarnam por uma lei de afinidade, quando passam a sofrer as conseqüências do que plantaram, do que deixaram de agenciar, do que deixaram de se compensar. A relação social é muito séria. Os espíritas tem a responsabilidade de compor quadros de produção social. Nós precisamos pensar na composição da cultura. Cultura não se transpõe de um país para o outro. A cultura é sempre local. O Espírito pode trazer na chamada identidade de bagagem a sua vivência de culturas de outros países, de outras regiões, no entanto a dimensão em que reencarna é de identidade cultural. Nessa identidade cultural o que os espíritas devem preservar é a realidade emergente de cada grupo humano dentro de seus respectivos países ou localidades. Isso já é moral.

**JS: Qual é o papel da SBEE no Espiritismo?**

R: E preciso que a Doutrina dos Espíritos, nós, Espere, e vocês, spiritistas, comecem a dizer para os que não são espíritas, mas são homens, e portanto vivem em grandes contradições, qual é o pensamento vivo contemporâneo dos Espíritos. Nós temos um pensamento em face do que vocês cognitivamente apresentam, A SBEE tem uma finalidade básica de estudar a manifestação dos Espíritos na Terra, e dar conhecimento público dessa manifestação. Só que com uma explicação assessorada, balanceada, sedimentada e sustentada em uma ordem filosófica. Os filósofos precisam ser repensados, até em uma linha de escorço, para que o povo recebe e interprete a linha filosófica do

mundo e do pensamento vivo da humanidade. A SBEE começa a fazer a reconceituação, não preterindo de maneira nenhuma a dimensão, a estrutura e a grandeza da coluna kardecista. A SBEE tem como sedimento básico a Doutrina Espírita orientada, posta, direcionada e conceituada por Allan Kardec. No entanto, não podemos deixar de pensar sobre as grandes questões que envolvem as Nações e o homem contemporâneo, portanto, o pensamento contemporâneo vivo dos Espíritos. A Doutrina Espírita desenvolvida na SBEE está fazendo ao longo desses anos, e daqui para a frente deverá fazer veementemente através de artigos, periódicos, livros, revistas, mensagens psicografadas, conferências e de atuações nos diversos segmentos do Espiritismo e também nos diversos segmentos da sociedade nacional e internacional. Aqui dentro nós fazemos os três grandes conceitos da Doutrina Espírita: Ciência, Filosofia e Religião. Só que a Religião nós, nessa dimensão de religar, queremos um Deus vivo. O pensamento da Doutrina é vivo, queremos que os espíritas sintam um Deus vivo. E esse Deus vivo só se alcança na identidade com a caridade, com a fraternidade, e com uma perfeita e integral a absoluta comunicação com a vida, como um todo.

**JS: Que mensagem o senhor, como Médico, deixaria para seus colegas os médicos encarnados?**

R: Primeiro, que como Espírito acredito integralmente na Medicina. E diria aos meus colegas que estão encarnados que, como ponto básico para que a profissão e o sacerdócio da medicina possa crescer em um país chamado Brasil, e na Terra como um contexto geral, é sempre não fugir de uma deontologia médica. O médico tem que ser absolutamente direcionado, conotado, expressado, vivendo a identidade ética. Este é um ponto fundamental para que a medicina possa alcançar todos os indivíduos na mesma linha de justiça, de profissão, de assentamento de verdade e de saúde pública de uma nação. Como dimensão de universalidade de vida, diria que o médico está muito próximo daquele vestibulo, daquela porta, daquela visão maior de transcendência, todas às vezes. que observo um paciente fazer a transposição do mundo material para o mundo espiritual, há uma grande indagação interna: Morreu? e, Ficou finito?, Desapareceu?, acredito que o médico sabe que nunca desaparece, que há um princípio vital estudado em medicina mas que a direção dimensão, a força, a energia desse princípio vital é o Espírito. Portanto, como colega e; quem sabe, mais velho, eu diria que a identidade da medicina com a vida é a identidade com Deus, a identidade com Deus é a identidade com o Espírito. A Doutrina Espírita tem resposta para todas as grandes indagações da ciência moderna e contemporânea. A medicina é uma ciência, e os segmentos da ciência médica cresceriam e trariam grandes subsídios para que o médico pudesse responder a grandes indagações para os pacientes da clínica e, conseqüentemente para os estudos médicos dos países e do mundo.

---

*Ir. Leocádio José Correa*

---

# Maury recebeu o Pinhão de Ouro



*Ieda Matias*

A vida é o que dela fazemos. A renovação é a realidade suprema do ser.

O homem só poderá indagar o amanhã, através da sua experiência. De outra maneira, não poderia haver nem ciência, nem filosofia, já que ambas são antropomórficas, por serem produto da criação humana".

Foi com essas palavras que

"Como ser livre, procuro o real. E com a atenção voltada para o processo da vida, luto por uma perspectiva da eternidade. Não olho o sofrimento humano como castigo, mas como resultado do processo evolutivo.

o presidente da SBEE – Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos, Maury Rodrigues da Cruz, iniciou o seu discurso na Câmara Municipal de Curitiba, no dia 18 de outubro, quando recebeu o Pinhão de Ouro.

A iniciativa da homenagem partiu da vereadora Rosa Maria Chiamulera, que em seu discurso ressaltou que "os tempos atuais exigem unidade, amor e paz. Os homens clamam por justiça, dignidade e condições de sobrevivência. Nós precisamos de homens e mulheres que executem estes valores". Ressaltou que "a liderança do professor Maury é enriquecida por um carisma profético, que só é dado àqueles que acreditam que há outra vida depois desta e que seremos responsabilizados, pelo bem que deixamos de fazer, pelos talentos que não fizemos dar frutos. Teremos que pagar pela missão não cumprida. Por isso considero o professor Maury uma luz. Alguém, que com a mente em seu ideal, entrega-se plenamente à causa da justiça, à promoção social, à fraternidade e ao bem comum, valores tão desgraçadamente em falta nos dias que vivemos".

À solenidade estiveram pre-

sentes autoridades políticas, professores universitários e pessoas da comunidade, que apóiam e trabalham junto com o professor Maury.

Ainda em seu discurso, modestamente, o professor afirmou que "é difícil para nós que vivemos em com os nossos irmãos e concidadãos sem morada, sem alimentos, sem o que vestir, sem apresentar perspectiva crítica do amanhã, recebermos um prêmio. Pois o que fazemos na assistência social somos acompanhados pelos amigos bondosos da comunidade. No que desenvolvemos em ensino e pesquisa na Universidade fazê-lo, porque estamos sustentados e fortalecidos pelos conceitos e experiência desenvolvidos e vividos pelos eminentes mestres que nos precederam. Portanto, o que temos feito tem sido tão somente, não viver acomodado, enquanto irmãos nossos estão carentes dos elementos essenciais à manutenção, desenvolvimento e dignificação da vida."

*Maury recebeu o Pinhão de Ouro*

## Do Poli-sistema espiritual

*Irmão Antonio Grimm*

### DOCTRINA ESPIRITA

A Doutrina Espírita procura explicar o homem, o espírito humano, seu processo evolutivo, sua gênese, sua integração com os Cosmos.

A Doutrina Espírita descreve, conceitua, faz juízo de valor, integra conceitos, inova, inventa, cria, reconceitua a vida em todos os segmentos, expressões e ambientes.

A Doutrina Espírita o processo educativo como absolutamente político, entendendo como educativo o ato político.

A dialogia do processo mediúnico demonstra como que o espírito humano vive em um contínuo processo de aprender, modificar comportamento, reagir, inteirar-se, transcender pelo mediúnico chamada atmosfera não aparente.

O mundo dos Espíritos é invisível para os homens numa

caracterização material de formas. No entanto, seus efeitos absolutamente sentidos, portanto sujeitos pela própria mente humana a sofrerem taxionomias avaliativas.

Os Espíritos manifestantes reagem às chamadas experiências quantificadoras, desprovidas de um "animus" conceitual, funcional e espiritual.

A invisibilidade dos Espíritos é aparente. Quando o homem dominar com mais prontidão a eletricidade, a energia atômica, as transmutações em um contínuo processo de aprender, modificar comportamento, reagir, inteirar-se, transcender pelo mediúnico chamada atmosfera não aparente.

O mundo dos Espíritos é invisível para os homens numa caracterização material de formas. No entanto, seus efeitos absolutamente sentidos, portanto sujeitos pela própria mente humana a sofrerem taxionomias avaliativas.

Os Espíritos manifestantes reagem às chamadas experiências quantificadoras, desprovidas de um "animus" conceitual, funcional e espiritual,

A invisibilidade dos Espíritos é aparente. Quando o homem dominar com mais prontidão a eletricidade, a energia atômica, as transmutações energéticas, as mudanças de estado da energia, etc., perceberá com mais nitidez o mundo dos Espíritos.

O Espiritismo, através das mensagens mediúnicas, procura harmonizar a evolução tecnológica-material, as perspectivas do conhecimento humano, envolvendo conceitos antropológicos como beleza, formas, signos, perspectivas, internalizações do meio.

O Espiritismo, portanto, pelo processo mediúnico, sempre reagente: trabalha com sempre reagente: trabalha com a realidade de cada cultura e com a realidade social da vida conceitual.

O processo mediúnico espírita é integrador, interador, crítico da mentalidade humana em todos os níveis operantes. A Mensagem tem, portanto, massa crítica que envolve Ciência, Filosofia e Religião, no momento e no espaço, sem perder a expectativa do passado comum do povo – da humanidade –, das vivências do presente, e de um processo crítico conscientizador do futuro.

O Espiritismo não cria modelos, não faz desenhos sociais, mas utilizando a criatividade da Natureza, a pertinácia e eficiência da Ciência, da tecnologia e da Religião, mais conceitos filosóficos, procura humanizar todos os comportamentos sem massificar.

*Irmão Antonio Grimm  
mensagem psicofônica  
recebida em 11.10.85, pelo  
médium Maury Rodrigues da  
Cruz.*



# ESPERANTO E O FUTURO

... Seria bom se existisse uma só língua que pudesse ser usada por todos os povos... O Latim vai morrendo e então uma grande confusão se fará em todas as ciências e os homens se tornarão estranhos. – J. L. Vi-ves – em “De Disciplinis”, 1532.

Com o presente artigo iniciamos uma ampla discussão em torno do aspecto linguístico na evolução humana. Analisando de um lado a idéia da adoção de uma língua internacional, passaremos em revista toda a história e atualidade do Esperanto, procurando fazê-lo de maneira despaixonada (o que se torna difícil quando se tem contato com o Esperanto), com vistas a determinar até que ponto o Esperanto responde a esse questionamento hoje, como o fez no passado e quais as perspectivas para o futuro. Participe.

Esperanto – O que é?

O Esperanto é uma língua internacional auxiliar neutra, iniciada pelo médico e linguísta polonês Luís Lázaro Zamenhof.

Por que internacional?

Porque não pertence a uma nação em particular, como o francês, o inglês, o espanhol ou outras, que são línguas nacionais utilizadas em âmbito internacional em determinadas ocasiões. O Esperanto é internacional porque foi formulado com o objetivo de servir como ponte linguística entre povos de línguas diferentes. Portanto, não pertence a qualquer povo em particular como língua de berço, mas é uma segunda língua adotável por todos os povos.

Por que auxiliar?

Porque não visa substituir a língua nacional de cada um, mas ser um instrumento de comunicação com aqueles que falem um língua diversa.

Por que neutra?

Porque não pertencendo a qualquer nação em particular não traz em si qualquer conotação de dominação política, cultural ou econômica. Porque, sendo politicamente neutra, não fomenta questões e desacordos entre as nações em geral, e entre os nacionais em particular, quando utilizada em conferências, encontros internacionais, etc.

Mas por que deveremos nos relacionar com povos de outras línguas, quando, no nosso caso, nosso país é já tão grande?

Porque, pela evolução dos meios de comunicação, cada vez o mundo se torna menor.

Por que não utilizamos então uma das línguas nacionais mais difundidas, para este propósito?

Primeiramente porque não são neutras. Também porque são eivadas de irregularidades e dificuldades de pronúncia, ortografia e gramática. No mundo Moderno não se pode gastar tempo demasiado (alguns anos) para obter um bom domínio de determinado idioma pois cada minuto dispendido é cada vez mais valioso.

Geralmente, a comunicação internacional fica polarizada

em determinadas pessoas e organismos que devem manejar, por vezes, várias línguas para cumprirem suas funções.

Seria mais sensato, sem dúvida, que todos aprendessem um só língua do que cada povo aprender a língua de todos os outros povos. E há dezenas de diferentes idiomas em nosso planeta.

Devemos notar ainda que determinada língua nacional que tenha grande projeção numa dada época, fatalmente sofrerá um processo de declínio, com a diminuição da influência do povo de que se origina, como se deu com o latim, utilizado pelo Império Romano e posteriormente pela Igreja Católica e a comunidade científica, como aconteceu com o francês que predominava até meados do nosso século.

O Esperanto é aprendido com mais facilidade e rapidez que qualquer outra língua.

Mas, tendo sido criado especialmente com o objetivo de língua auxiliar e internacional, não será apenas um instrumento “artificial” que jamais podendo ser incorporado legitimamente ao processo cultural do planeta?

O Esperanto, como qualquer língua é um fenômeno cultural, nada tendo de “natural” ou “biológico”. Toda língua espontaneamente surgida no seio de uma população, sofre igualmente criação e recriação intelectual por parte dos literatos, isto sem considerarmos o contingente espiritual que induz pró-formas no desenvolvimento de determinada linguagem.

Quando se aprende uma língua nacional qualquer, quem o faz, aprende de forma gramaticalmente forjada em correção e a partir de modelagem literária e pedagógica. Muito poucos absorvem um idioma diferente diretamente em contato com os falantes deste. E nem por isso a língua aprendida perde seu caráter original, passando a ser artificializada.

O Esperanto seria então uma mistura de línguas nacionais?

Não. O Esperanto é uma língua própria formada a partir de palavras e expressões linguísticas de utilização internacional, esquematizada e inicialmente explorada por Zamenhof, e posteriormente desenvolvida por centenas de escritores, tradutores e através de conversação em todas as partes do mundo.

\*\*\*

(Fontes: Esperanto, Lingvo Internacia – 1ª Ed – 1981 – Esperanto Press – Canada; Faça um milhão de amigos – distribuído pela Associaç. Esperant. de Belo Horizonte.

\*\*\*

“Participe do 22º. Congresso Brasileiro de Esperanto, de 16 a 22 de julho de 1986, em Curitiba – Paraná.”

*Ronie Cardoso Filho é professor de Esperanto, e Secretário da Associação Paranaense de Esperanto.*

## EVANGELIZAR É PRECISO

*Joel Samways Neto*

**Evangelizar é vivenciar a proposta de Jesus Cristo: Amor e Fé.**

Evangelho é instrumento de bem-viver.

A “Boa Nova” já vai completar 2.000 anos; e ainda é novidade, ainda a humanidade não compreendeu que o Evangelho objetiva o homem, o seu auto-conhecimento, a sua liberdade, a sua felicidade; antes associou ao signo evangélico

um significado obscuro e piegas.

Evangelizar-se é identificar-se com Deus.

Todos os grupos humanos devem vivenciar uma verdade evangélica.

Se, na família, a idéia de se conversar sobre evangelho ainda está distante, comecem por sorrir, comecem por serenar, por ouvir, por tolerar.

Evangelho é diálogo, para que se possa compreender a si e os outros.

Evangelho novo é o cotidiano, é a vida em processo de renovação constante.

# Os Fracos sucumbem ! Graças a Deus...

*Alfeu W. Marques Garcia*

A prática existencial tem se resumido no trânsito entre duas propostas básicas – a individual e a coletiva.

Na primeira, consubstanciada num itinerário imediato, egoísta, onde enxergamos somente necessidades próprias, o discurso é fechado em si mesmo, os limites são postos, ou melhor, impostos. Há a possibilidade de o sujeito, de costas para a História, achar-se em projeto social. Sim, porque a proposta coletiva visa ao social.

Então, vejamos: a segunda proposta se baseia num processo histórico, onde lutas e conquistas se fazem, consciências se constroem. A meta é posta a longo prazo, mesmo que seja progressista, a proposta vai se fazendo. A cada passo um acesso, um retrocesso. A força conservadora é muito forte.

Por que para falar em educação, é preciso falar da prática existencial? Sim, educação é processo que se amplia a cada evento.

A proposta doutrinária espírita é proposta coletiva, social. Então, para pensar educação temos que refletir o cotidiano. Percebemos que há um imaginário em nós, uma conduta ilusória e uma conduta real, concreta.

A educação como processo instrumentaliza projetos individualistas ou projetos coletivos. A concepção de mundo, a visão de sociedade, o que Você entende por propriedade, por salário, por trabalho, enfim, o que Você entende por travessia do mundo material, as respostas vão configurar o projeto que você tem na cabeça.

Imaginem como é difícil pegar o real que se pensa e o que se faz. Há discursos que expressam liberdade e ao mesmo tempo escondem ditadores.

Como resolver a contradição?

Sim, porque devemos, necessariamente, enfrentar o conflito que está diante de todos. Há um mundo ilusório, perfeito, onde a ética é reverenciada, onde a família é posta num lugar sem antagonismos. Há um mundo concreto, inacabado, evolvente onde a ética está sendo reconstruída. onde a família sofre todo o atentado de seus antagonismos.

Nem tanto à terra, nem tanto aos céus. A medida mediadora será avançar passo-a-passo na feitura da verdade, na feitura da mentira. Por que a mentira? Falsa moralidade? Ética caquética? Medo de perder o poder que não se absorve? Por quê? A dificuldade de

sentar e afirmar: “Meu filho o mundo é seu, o caminho Você faz, ética é respeito ao próximo.

Educação é ato político! Ontem tínhamos medo de dizer, hoje todos afirmam, mesmo não sabendo o que seja ato político. Então, como enfrentar o concreto? Fazendo a história, frente-a-frente? Sem medo de perder? Perder o quê? Saldo bancário? Alqueires de terra? Vejam só, perder a materialidade do mundo. Esse é o medo? Repartir a matéria é a grande meta.

Imediatamente, precisamos fazer uma reflexão séria para buscar a clareza de nossa proposta. Alguma idéia contrária à nossa, fazemos um inimigo. Vejam só, uma idéia contrária.

Como evoluiremos senão pela proposta que nega a nossa? Como avançaremos em águas paradas? Vejam só, meus amigos!

O conflito, o confronto, a pergunta, a negação, a afirmação, a indagação, são eventos que dinamizam a história do homem na Terra.

A proposta doutrinária espírita se fundamenta na busca e na concretização de uma verdade que se constrói. E importante dizer que a proposta espírita é uma denúncia contra o conservadorismo que tem matado o progressista. É preciso que a proposta espírita seja anunciadora de um mundo novo, onde as pessoas devem fazer projetos coletivos, onde o respeito ao outro é respeito mesmo, não o respeito posto pelo liberalismo, onde é posta a igualdade teórica, ideal.

O projeto coletivo, por isso social, tem no respeito ao outro o seu sustentáculo, porque deve ser expresso em comportamento, não é só intenção, deve ser materializado minuto-a-minuto.

Então, educação é ato político. Espiritismo é ato político. Viver é ato político.

Ao atravessarmos o continente do projeto individual aportaremos num projeto coletivo, quer queiramos ou não. A experiência tem nos colocado diante de obstáculos suficientes para fazer a evolução.

Chega de mofo histórico, onde as siglas, os preconceitos têm se colocado acima dos homens. Caso contrário, continuaremos somando eventos particulares, prosseguiremos levantando estátuas para heróis “sozinhos”.

Precisamos entender que o conjunto da Humanidade faz a História...

*Alfeu W. Marques Garcia  
é professor na UFPR.*

## \* MEDIUNIDADE – ESPIRITISMO

O Espiritismo surgiu na história da humanidade como uma nova forma de explicar o homem, o cosmos e a evolução. Trata-se de doutrina com dimensões filosóficas, científicas e religiosas próprias e que representa um passo à frente no progresso do pensamento humano.

A ação espírita no mundo contemporâneo constitui-se em fato social de inegável relevância, seja pela continuidade com que se desenvolveu, seja pela amplitude universalista com que se expandiu, seja ainda pelos inúmeros campos que abrange em extensão e profundidade.

Porém, o Espiritismo não se define como um fim em si mesmo. E, isto sim, um instrumento para o desenvolvimento do homem e do mundo. Em sentido espírita o desenvolvimento sempre implicará na promoção do espiritual, razão última em si do próprio progresso. A finalidade é Deus. O valor existencial máximo é a pessoa.

Mediunidade e o conceito nuclear do Espiritismo como ciência. Através deste atributo tornou-se possível a definição do seu objeto específico, qual seja, o estudo e a com-

provação das relações entre o mundo cognominado material e o mundo espiritual ou dos espíritos.

O fato mediúnico sempre esteve presente na história do ser humano. Trata-se de algo que lhe é inato, ou seja, natural. Prova-o a sua constatação desde as civilizações mais antigas que se conhece, na universalidade dos povos, em todas as castas e classes sociais:

Mas, a idéia que temos desse fato mediúnico evoluiu com o tempo. No início considerava-se como um produto do sobrenatural e do milagroso. Hoje, procura-se entendê-la como sendo uma manifestação normal e humana. Com isso, a própria ação mediúnica passa a ser compreendida numa manifestação de espíritos.

O Espiritismo foi a primeira doutrina que aceitou e considerou o fato mediúnico como um fenômeno normal, decorrente da natureza universal e, portanto, também humana, em face da implicação e relacionamento íntimo e constante entre os planos físico e espiritual.

\*texto transcrito da III Semana de Estudos Espíritas, maio de 1979.

# A REVOLUÇÃO MORAL

*Edison Pereira de Magalhães*

Entende-se a revolução moral como um processo de espiritualização da humanidade.

Esse processo compreende três fases – a hominização, a humanização e a espiritualização de cada fase, pressupõe no seu processo uma mudança de mentalidade daqueles que vão vivê-la de forma dialética, ajustando as novas propostas à realidade de forma gradativa e contínua no tempo.

Essa mudança principia no indivíduo com a sua transformação no pensar e no agir – resultado do autoconhecimento, da busca através do conhecimento da identidade no mundo e da sua comunicação com o semelhante e na compreensão dos desígnios divinos.

Na vida prática, na verdade, tem-se evidenciado um processo de descaracterização do Ser, imposto pelo sistema materialista.

Essa descaracterização leva a processos transitórios de vida (modismos) com a aceitação de ídolos de papel, distanciados de Deus.

A idéia reinante no sistema é ver o indivíduo isolado, centrado em si mesmo.

Diante dessa realidade, a primeira etapa do caminho para a espiritualização é a hominização – reassumir o homem o seu caráter, sua dimensão de Homem.

## H O M I N I Z A C Ã O

Verifica-se dentre os elementos descaracterizadores do Homem, o estímulo negativo da personalização, presente nos meios de comunicação que leva o homem a um individualismo egoísta.

Por outro lado, dada a incapacidade de conseguir essa personalização, sobrevêm a frustração e a marginalização.

A doutrina espírita tenta mostrar a interdependência entre os seres e Deus e que a realização do indivíduo está no grupo.

Na concepção de “Ser Humano” propõe mostrar que o marginalizado é antes de tudo um ser humano e, portanto, seu caráter, sua dimensão de Homem.

## H O M I N I Z A C Ã O

Verifica-se dentre os elementos descaracterizadores do Homem, o estímulo negativo da personalização, presente nos meios de comunicação que leva o homem a um individualismo egoísta.

Por outro lado, dada a incapacidade de conseguir essa personalização, sobrevêm a frustração e a marginalização.

A doutrina espírita tenta mostrar a interdependência entre os seres e Deus e que a realização do indivíduo está no grupo.

Na concepção de “Ser Humano” propõe mostrar que o marginalizado é antes de tudo um ser humano e, portanto, digno de respeito. Se hoje é precário, amanhã se revelará hominizado.

O sistema, no entanto, tenta impedir o seu revelar, intoxicando-o com elementos dessensibilizadores para a Vida e instrumentalizando-o para matar.

Por exemplo, para justificar altos níveis de produção, o sistema prefere alimentar os mecanismos econômico-financeiros, porém, destruindo a vida humana.

O crime dessa instrumentalização deformante levará a sofrimentos futuros que exigirá custos mais altos para a recuperação do que se destruiu.

A massificação, uma das resultantes das concentrações urbanas desordenadas, é instrumento do sistema para controle e condicionamento onde o indivíduo é tratado como um número – robotizado – de forma a responder de pronto a ordem de comando.

Nos grandes centros já se observa que várias donas de casa, sem senso crítico e obediente ao comando do consumismo enchem o carrinho de compras no supermercado e o abandonam perto das caixas registradoras.

Por outro lado, o ser descaracterizado, considerado parte de uma massa disforme, recebe do próprio sistema o estímulo de se realizar sozinho através de ídolos fabricados e que são substituídos de tempos em tempos em processo consumista absurdo. A proposta é do descartável. Tanto são descartáveis objetos como pessoas que são coisificadas, portanto, desidentificadas com a condição de Homem.

Os menos avisados não percebem quando pais ou educadores são instrumentos do sistema quando projetam sobre a

criança induzindo-a a ser, o que não se identifica apenas para satisfação de uma ordem econômica.

Em contrapartida, a doutrina espírita reconhece a necessidade da criança viver vários estímulos e experiências permitindo, na formação de sua personalidade, o despertar natural de suas tendências.

O sistema tenta anular o homem com uso de formas e modelos padronizados, impondo verdades relativas como absolutas e incontestáveis, valendo-se do medo como instrumento de coação.

A escola mascara a educação quando o professor não acredita no que ensina e propõe um conhecimento fora da realidade do aluno.

Assim, inverte o seu papel de produtora do saber e fabrica diplomas. Reproduz a proposta fechada do sistema e corre para a marginalização do homem.

A HOMINIZAÇÃO, isto é, o despertar de uma consciência de Ser, conduz o homem de imediato à reflexão do seu existir e suas relações grupais com o fortalecimento de sua identidade.

A reflexão das relações humanas leva à humanização que considera o homem razão principal das realizações humanas.

## H U M A N I Z A C Ã O

A valorização do homem deve estar presente em cada idéia e ação humanas exigindo constantes reconceituações dos seus valores e elementos culturais.

O ideal da humanização propõe na ordem econômica que “não deva haver enriquecimento individual ou de grupos sem a devida construtividade social”.

Desta forma, busca a justiça social.

O pensamento humanista da doutrina espírita respeita as leis constituídas, mas afirma que a ordem moral está acima da ordem legal.

Como no caso da prostituta da passagem bíblica que evidencia que a justiça só deve ser aplicada por mãos impolutas.

Não compactua com a prostituição, mas respeita a prostituta como um ser humano.

Em nível de humanização, o homem deve exercitar a tolerância na busca constante do amor universal, onde a doação e dação compreendem o dever do ser humano no cotidiano.

O rompimento com o orgulho e o egoísmo é processo em marcha para a humanização – cada Ser cresce em nível moral e espiritual numa realização compartilhada e fraterna rompendo com o sectarismo.

A humanização envolve educar para a vida, para o respeito e para a felicidade consciente – mostrando que ser feliz significa fazer outros felizes.

Este educar propõe antes de tudo viver em constante observação dos seres da criação, tirando das leis naturais reveladas as diretrizes para o seu comportamento futuro.

A ordem evangélica vivida pelo homem deve ter, em primeira instância, a valorização da vida, em que o homem não destrua a natureza sem a coerente reposição e respeito à vida humana condenando o aborto, a eutanásia e outros comportamentos que firam a dignidade de viver.

O rompimento com qualquer padrão ou condicionamento, que impeça a comunicação entre os seres humanos, deve ser avaliado através de uma reflexão crítica.

A questão, por exemplo, não seria condenar a televisão, mas avaliá-la criticamente.

Portanto, a humanização compreende o encontro dos seres humanos, a revelação de cada um no seu momento histórico, a coragem de viver, o conhecimento, o sorriso, a paz.

## ESPIRITUALIZAÇÃO

A espiritualização é o resultado da harmonização das divergências humanas, onde as revoltas são transformadas numa paz substancial, num equilíbrio mais estável, estando presente no coração humano somente o amor – força dinamizadora de tudo.

O ser espiritualizado compreenderá as razões do Criador e procriará com Ele, dentro da sua dimensão através de esforços de realizações em harmonia universal.

Assume, portanto, em definitivo a identidade espiritual e tem plena posse dela, compreende e assume as leis divinas e contribui para que elas cheguem à compreensão de todos.

*Edison Pereira de Magalhães é professor de Estudos de Problemas Brasileiros na Universidade Federal do Paraná.*

# QUALIDADE DE VIDA

## Saúde: Questão de segurança nacional

A melancólica realidade brasileira, acerca da questão industrial farmacêutica, pode muito bem ser delineada com a transcrição de alguns considerandos do requerimento para instalação de CPI que investigasse as atividades no setor, fato ocorrido em 14.05.1979:

“Considerando que a indústria farmacêutica no Brasil se caracteriza por uma total influência de empresas estrangeiras, com elevada dependência de importação de matérias-primas farmacêuticas, executando no País apenas formulação, embalagem e comercialização;”

“Considerando que existem no Brasil 397 laboratórios nacionais, com um faturamento de 16% e 71 estrangeiros com um faturamento de 84%;”

“Considerando que, devido a nosso precário desenvolvimento industrial na área de matérias-primas farmacêuticas, constituindo-se este fato numa das maiores dificuldades no setor e, portanto, um dos mais dependentes da tecnologia externa;”

“Considerando que, apesar de possuímos um número exagerado de especialidades farmacêuticas, cerca de 24.000, segundo o Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, um dos mais elevados do mundo, continuamos com grande parte de nossas endemias regionais sem medicamentos específicos;”

“Considerando que freqüentemente no País têm sido denunciados vários medicamentos proibidos em seu país de origem e comercializados livremente, conforme já frisamos anteriormente;”...

Bruno Carlos de Almeida Cunha, professor adjunto dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Farmacêuticas da USP e presidente do Conselho Regional da Farmácia, autor do Livro “Medicamentos – Fator de Saúde?”, em interessante palestra realizada em reunião do Conselho Técnico de Economia, Sociologia e Política, em 10.12.81., discorrendo sobre o assunto mostrou um quadro bastante desalentador.

Apresentou o ilustre professor dados estatísticos es- tarrecedores. Disse: 80% do

mercado brasileiro de medicamentos - estimado em US\$ 2.500. 000.000 (dois bilhões e quinhentos milhões de dólares), em 1981, - é controlados por 50 laboratórios, dos quais apenas 4 são nacionais.

Mencionando as declarações do prof. Amílcar Gigante, da Universidade Federal do Paraná, em 1962, devido à CPI dos medicamentos, relatou que 50% dos medicamentos eram usados de modo inadequado e muitas vezes desnecessariamente.

E toda uma realidade exasperadora. Tem o aspecto dos excessivos gastos com propaganda, estimulando a auto-medicação e o pressionamento à ordem médica (a indústria farmacêutica procura nos convencer de que “o uso de certos produtos terá como consequência a solução de problemas de saúde, de bem-estar, e até de status”). Faz indagações sobre a eficácia dos currículos universitários em formar adequadamente os profissionais ligados ao setor farmacêutico. Denuncia a instalação de indústrias farmacêuticas totalmente embasadas “em matérias-primas e know-how importados, sem nos preocuparmos com a possibilidade de países estrangeiros decidirem que não há mais interesse em fornecê-los ao Brasil”.

Propondo urgente revisão da legislação que regula a matéria, faz comentários que reputamos da maior importância, por isso transcrevêmo-los na íntegra:

“Esta revisão deve ser acompanhada de uma orientação do currículo médico e farmacêutico no sentido de utilização de produtos contendo princípios ativos naturais. Isto traria como consequência inelutável, uma regionalização da terapêutica (grifo nosso), contribuindo eficazmente na fixação dos profissionais da saúde em suas regiões de formação. Com efeito, a utilização intensa do potencial fitoterapêutico regional seria fator de caracterização do receituário de diversas regiões do país, adequando os profissionais à população e ao potencial de sua zona de influência (grifo nosso). Formar-se-iam, as-

sim, profissionais brasileiros para o Brasil. E não, como atualmente, profissionais internacionais internacionalizados para atuar em um país tão diversificado como o nosso”.

E prossegue, mais adiante:

“Por que usar tripsina importada se a bromelina, papaína e ficina estão presentes no abacaxi, mamão e figo, frutos estes que ocorrem em várias regiões do País? Enzimas, aquelas, com efeitos de digestão de proteínas que, organicamente, se assemelham à dependência física, quando várias regiões brasileiras são ricas em vegetais com princípios ativos antitussígenos e expectorantes? Para que calmantes sintéticos importados para tratamento de ansiedades leves, quando nossos vegetais apresentam princípios normalizadores usados há gerações, com resultados muito menos evitados de efeitos colaterais? E os diuréticos? E os vermífugos? Anti-diarréicos? Enfim, estamos desprezando o que a natureza nos fornece, para importar imitações caras oriundas de laboratórios estabelecidos em locais desprovidos de fontes naturais de princípios ativos (grifo nosso).”

“Para o real aproveitamento de todo este potencial é necessário que um redimen-

sionamento dos currículos, médico e farmacêutico. Mais do que isto, é essencial que o País comece a procurar em sua abundante flora os princípios ativos de medicamentos que sua população necessita.”

\* Palestra publicada em PROBLEMAS BRASILEIROS, Revista Mensal de Cultura, sob o título “Medicamentos – Propostas de Soluções”, São Paulo, Diretor resp. Robert Eugène Appy, ano XIX, Nº 209, março de 1982.

Felizmente, ainda há pessoas que se preocupam com a questão social brasileira. – Porém, o quadro é crítico.

Era preciso que os órgãos estatais e privados se pronunciassem a respeito.

Por quanto tempo o povo brasileiro será utilizado como objeto da exploração econômica internacional?

Afinal, saúde não é problema de segurança nacional?

Parece-nos que a solução estaria na reconceituação de Pátria e patriotismo.

*Extraído da Revista PROBLEMAS BRASILEIROS.*

*Prod. bras., São Paulo, Conselho Técnico da Economia, Sociologia e Política, 1963 – Mensal, Rua Dr. Vila Nova, 228 -2º andar – São Paulo, Brasil.: Medicamentos propostas e soluções. Publicada em março de 1982, nº 209*



### POESIA

a cada dia  
o homem que sou se avalia  
– ato atroz  
que nutre à revelia –  
vê na canção  
o cais  
– ocasião  
que adoçais meu coração –

roberto j. bittencourt